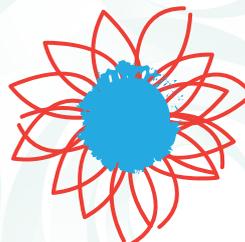




memória
e
feminismos
no sudoeste
alentejano





memória
e
feminismos
no sudoeste
alentejano





Memória e Feminismos no Sudoeste Alentejano

Junho de 2015

Coordenação Regional | Paula Ortiz
Coordenação do Projeto | Teresa Sales
Equipa Editorial | Paula Ortiz e Natália Tost/Esdime
Design da capa | Natália Tost/Esdime
Conceção Gráfica | Natália Tost/Esdime
Impressão Gráfica | Sextacor, Soluções Gráficas, Lda.

Projeto Memória e Feminismos III
A desocultar quotidianos de mulheres

Edição | UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta
Rua da Cozinha Económica, Bloco D, Espaços 30M e N
1300-149 Lisboa
218 887 005 | 218 884 086
umar.sede@sapo.pt | www.umar.feminismos.org
www.cdofeminista.org

Depósito Legal | 394256/2015
Tiragem | 100 exemplares

*Um profundo agradecimento às mulheres, cujas histórias
de vida fazem parte deste livro*

Este livro foi subsidiado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) no âmbito do projeto “Memória e Feminismos III: a desocultar quotidianos de Mulheres”

Índice 

Memória e Feminismos - Teresa Sales.....	4
Vidas com História - Paula Ortiz.....	6
Carminda Guerreiro.....	8
Christine Guerreiro.....	18
Mariana Maria.....	28



Este pequeno livro, com retalhos de histórias de vida de mulheres do Sudoeste Alentejano, insere-se no projeto “Memória e Feminismos, a desocultar quotidianos de mulheres, uma estratégia de intervenção feminista”, da UMAR, com o financiamento da CIG.

Este projeto já na sua 3ª edição, conta no seu historial com recolha de histórias de vida nas regiões da Madeira, Minho, Setúbal, Coimbra, num total de quarenta.

Este ano a recolha das histórias de vida centrou-se em duas novas regiões: Região Autónoma dos Açores e Sudoeste Alentejano. Localidades muito diferentes entre si, mas com um denominador comum – o isolamento. Este isolamento a que as mulheres estão sujeitas, confere-lhes uma dupla invisibilidade. Dar voz às suas histórias e refletir sobre os seus percursos, é um ponto fulcral, neste processo - “trazer a voz de quem ficou silenciado na história constitui um processo de produção de ciência e não apenas uma forma de acrescentar novas fontes à investigação histórica” (Magalhães, 2012:11).

Para o trabalho desenvolvido no Sudoeste Alentejano, a UMAR contou com a inestimável participação de uma equipa no terreno, coordenada por Paula Ortiz, da Esdime - Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste, associação de desenvolvimento local com a qual estabelecemos parceria.

Agradecemos pois à equipa da Esdime o seu trabalho na recolha destes percursos de vida. Agradecimento extensível também, àquelas companheiras da UMAR, sempre disponíveis e solidárias com as questões da preservação da memória histórica das mulheres.

Um especial agradecimento às três magnificas entrevistadas, cujos relatos aqui vos apresentamos.



São Mulheres, têm História, têm Vida!

São Vidas cheias de sonhos, projetos, desafios, vontade, resistência e ousadia sem fim!

Carminda, mulher da serra, do medronho, na simplicidade das suas palavras, denota o saber das coisas vividas e ainda por viver. Mulher desperta para novos desafios, sacudiu a palavra desistir do dicionário da sua vida.

Christine, mulher “ensaísta” de projetos que alimenta com sonhos de futuro, antecipando visões que a confortam com a razão. Divide-se entre as origens e as raízes que a ancoram nos dois países de vivência.

Marianita, mulher coragem que desafiou preconceitos, que se vestiu de homem num corpo de mulher. Mulher de força em todos os significados que a palavra pode abraçar. Vive o cante e no cante se encanta e encanta quem a ouve.

Falar com elas, ouvir as suas vivências, relatos soltos das peças que formam o puzzle das suas vidas, foram momentos de prazer, encantamento, reconhecimento e aprendizagem de vida.

Por tudo isto nós, a Paula Ortiz, a Natália Tost, o João Pedro Duarte, equipa que deu forma às histórias destas mulheres, não podemos deixar de agradecer à UMAR, nas pessoas de Teresa

Sales e Manuela Tavares, a oportunidade que nos deu, de fazer parte da história destas mulheres que nos abriram o seu coração, nos deixaram entrar na intimidade das suas vidas, registando-as neste pequeno grande livro e no vídeo que o acompanha.

Um obrigado muito sentido.



[...] em cada altura, em cada situação, acho que tomei sempre a decisão daquilo que queria, daquilo que achava melhor. Não me preocupo muito com o que pode ter acontecido ou com o que poderia acontecer, se tivesse sido diferente. Foi o que foi. Estou cá.

Carminda Guerreiro
64 anos
São Barnabé
Produtora de Medronho



Sou Carminda Guerreiro, tenho 64 anos e nasci no monte, na freguesia de Santa Clara-a-Nova, concelho de Almodôvar e estou aqui, em São Barnabé, desde que me casei.

Era a mais nova de quatro irmãos, vivia num monte onde tinha mais alguns primos. Vivíamos, brincávamos com os brinquedos de outro tempo, porque hoje toda a gente tem tudo e nesse tempo a gente, se queria brincar, tinha que fazer os brinquedos. Aos três anos morreu uma tia minha e o meu pai trouxe uma prima para casa, uma sobrinha que ficou sem pai nem mãe. Foi criada comigo, foi mais uma irmã. Crescemos juntos e era uma infância normal, até irmos para a escola, que nessa altura íamos aos sete anos. Até ai não tínhamos qualquer possibilidade de aprender nada, nem os pais sabiam ensinar e lá andámos os quatro anos.

Mas a vida era diferente e não tinham a noção do perigo. Eu, por exemplo, fui para Lisboa, tinha lá familiares, o meu irmão mais velho, tios. E com 12 anos fui para Lisboa. Fui de camioneta, sozinha. Eu hoje não vejo uma criança aqui, que não

se tenha que ir levar à camioneta para ir para a escola, tem que se pegar no miúdo e ir, tem que se ter uma carrinha para o levar e não sei quê. E eu com 12 anos fui sozinha. E sem a gente ter televisão, sem ter telefonia, sem ter revistas, sem ter jornais, sem nada. Quer dizer, sai ali do meio do mato e vai para um mundo completamente diferente. E tudo isso nos faz aprender, viver aquilo que não tínhamos, que não vivíamos, que não sabíamos. E acho que os pais não tinham essa noção.

Fui para Lisboa trabalhar tinha eu 12 anos. Os patrões estavam empregados. O Sr. era bancário e a senhora também tinha um emprego. E então tinham uma cozinheira e eu fui para olhar, ajudar a cuidar das crianças. Porque eu também era muito pequenina e não podia ter a responsabilidade. Era uma questão de ajudar. E integrei-me bem, com as crianças, com as pessoas, foi uma fase.

A cidade, o que eu tenho ideia mais da cidade, é do prédio mais alto que havia na altura em Lisboa, penso eu, e era o que é hoje na Praça de Londres, que é o do Ministério do Trabalho, tinha 19 andares e nessa altura era um disparate. Aquilo metia-me uma confusão danada.

E, nesta fase, a gente está naquela idade em que depois há saudades da mãe, depois há o voltar a casa, e depois vem para casa e fica uns tempos, depois surge outra oportunidade e vai para outro lado.

Trabalhei no Algarve na apanha da fruta, da amêndoa, do tomate, assim dessas coisas, aqueles trabalhos sazonais que a gente faz... vão aparecendo e a gente faz, dois três meses e depois vem embora.

Mais tarde estive a trabalhar numa fábrica de costura em Almada, um trabalho de que gostei muito. Se há pouca coisa que fiz de que me arrependesse, essa acho que foi uma delas, ter deixado esse trabalho.

Ao nível da educação fiquei-me pela quarta classe, mas depois quis ser professora, isto presunção e água benta cada um toma a que quer. Havia na altura as professoras regentes. Não tinham o curso mas, com admissão, exame de admissão e isso, já podiam ser professoras e eu queria ser. Mas entretanto tive azar. Pensei nisso e ainda comecei, mas o Ministério da Educação, na altura era o Dr. Veiga Simão, que por acaso passou para outro governo a seguir, já na democracia, acabou com isso e pronto. E o meu curso de professora ficou pelo caminho.

Depois o meu marido, que estava em França, voltou, conhecemo-nos, e entretanto aí pelo 25 de Abril, juntámos os trapinhos. Isto em 74. Outubro de 74. E fizemos aqui vida, ele era de um monte daqui, comprámos casa em São Barnabé.

Comprámos um carro de carga, vendíamos farinha, tínhamos porcos, vacas, tínhamos, assim, pecuária. Depois comprámos um carro maior, mas acabámos um pouco com isso, tivemos assim dois ou três anos ou quatro, comprámos um carro maior e fazíamos carga geral de norte a sul do país. Tínhamos o carro fretado a uma empresa em Loulé que nos arranjava trabalho. Um dia íamos para Vila Real, um dia íamos para Viana do Castelo, um dia Poço do Bispo e outro dia para outro sítio qualquer, portanto carga geral, mas tivemos que acabar por causa das crianças, que iam entrar na escola. Tive que as trazer para casa e acabar com a camioneta, porque a nossa vida, a andar

de norte a sul e com as crianças na escola, não era compatível.

A Junta de Freguesia tinha comprado uma ambulância mas não tinha motorista, não tinha maqueiro, não tinha ninguém. E então aparecia uma pessoa doente, lá iam à procura de um vizinho que tivesse carta de condução, ou outro, ou outro, e não havia ninguém certo para tomar conta. E então o meu marido estava aí mais disponível, e começou a andar com a ambulância. Foi contratado, quer dizer, pagavam-lhe ao km que ele fazia. E como não tinha quem o acompanhasse e eu estava disponível, ia com ele. Portanto, foram 10 anos. 10 anos em que carreguei muita gente, aprendi muito, entrei em muito hospital, vivi muita coisa, como voluntária, porque só ele é que... a Junta não tinha condições para me pagar, e então eu ia com ele e ajudava-o.

Lembro uma parte muito engraçada, porque é um bombeiro ali em Almodôvar, que a Paula deve conhecer, o Augusto, que é pequenino, e chegamos e íamos com um velho, um velho com uma perna partida, na maca. As ambulâncias hoje já vêm com tudo pronto, as rodinhas e não sei quê... mas nesse tempo, não. Tinha que se ir buscar um carrinho, pôr a maca em cima e não sei quê. E enquanto o meu marido vai buscar o carrinho, o Augusto chega ao pé de mim e eu digo-lhe: “a gente leva o velhote já para dentro!” O velho ia fazer RX. Mas o homem tinha medo que a gente o deixasse cair. O Augusto pequenino e eu também. E ao passar pela porta, digo eu assim: “não tenha medo, o meu é muito mais pesado e ainda não caiu.” Ora o homenzito começou-se a rir, o Augusto começa a rir. Pois, olha que a gente sempre deixa cair o homem. Mas

vá lá... correu tudo bem e o homenzito daí para cá fazia uma festa quando me via. Porque o homenzito pensou mesmo que a gente,- os dois pequenos, não é? - a pegar na maca, o deixasse cair. Há aquelas histórias, às vezes, engraçadas...

A aguardente de medronho

A aguardente de medronho surge porque o meu sogro já tinha alambique e o meu marido ficou com o alambique do pai. O meu sogro tinha o alvará nº1 do concelho de Almodôvar. O primeiro licenciamento do concelho de Almodôvar era do meu sogro. E como a lei do engarrafamento tinha surgido em 73, nós decidimos pegar nisso. E entretanto aparece a Esdime e é na Esdime que é feito o projeto de viabilização, aparece o *Leader* e a candidatura e aí começámos então com o engarrafamento, que ainda hoje temos, e que é a minha terceira filha.

Em termos de organização, o marido está na produção. Destila, carrega, e pronto. E o marido é fundamental porque está na parte da produção. Quer dizer, está na parte de trás, é preciso arranjar a lenha, porque aquilo tudo funciona, tem uma máquina por trás. A gente vê uma garrafa pronta mas... tem uma máquina por trás. E essa máquina, é claro, tem que ser do marido. A minha parte foi a legalização, o comércio, o cliente, os contactos e essas coisas, não é?

O Associativismo

Um trabalho que reforçou o meu espírito associativo. Sócia, sou da Esdime. A ligação a outras associações é por conhecimento, por trabalho, por colóquios, por envolvimento com as pessoas. A In Loco tinha a área de intervenção na zona, o Leader calhou na altura em que a gente tinha o projeto para apresentar e apareceu na altura certa. E depois havia ali duas ou três mulheres, na In Loco, que eram a Dra. Priscila, a Dra. Paula Quintas, a Dra. Ludovina Galego na Universidade do Algarve e a Dra. Aurora Martins na Direcção Regional da Agricultura, que fizeram um projeto para valorização da aguardente de medronho.

Entre 90 qualquer coisa e 92, comecei a engarrafar e até aos 2000, foram sempre fazendo análises. Quer dizer, faziam análises aqui, faziam análises em Monchique, faziam análises no Caldeirão, para chegarem à conclusão de qual a graduação que o medronho devia ter, quais os componentes. E então em 2000, aparece a legislação já com base no contributo que todos nós demos. Eu e os outros produtores que já engarrafavam na altura.

Depois a ligação com a Juventude Almodovarense, pois o Carlos é o embaixador de Almodôvar, quem não conhece o Carlos? Umás vezes ele tinha uma feira para fazer com artesanato, não podia estar nas duas, eu ia para uma e ele para outra, outras vezes, eu levava os produtos dele e ele levava os nossos e trabalhámos assim muitos anos. Com a ADPM também.

Há uma ligação em termos de trabalho e associativismo porque eu gosto, porque gosto desta maneira de trabalhar. Acho que as pessoas dão tudo o que podem, em prol de um objectivo,

umas vezes alcança-se e outras vezes não, é como tudo.

Aqui onde nós estamos, neste local, criou-se uma associação que foi criada pelo INATEL, que é o Centro Popular de Trabalhadores e foi por intermédio desta associação que nós fizemos muitas excursões, levámos as pessoas, porque havia pessoas que nunca tinham ido ver o mar, nunca tinham ido ao norte, nunca tinham ido... E tivemos aí uns 10, 15 anos a fazer muito bom trabalho. Mas depois deixou de se justificar estar a fazer esse tipo de coisas quando há tanta gente a fazer.

A Associação “A Medronheira” nasceu aqui há uns tempos. Porque isto tem que andar. A gente tem que pôr isto a mexer, temos ali um bom espaço e tem que ser utilizado. Precisamos de atrair pessoas e para as pessoas virem cá temos que ter algumas coisas que vejam, que se lhes ofereça, que justifique.

O Associativismo é uma família, acho que a gente ali é uma família e é isso de que eu gosto no associativismo, a gente sem ser nada uns aos outros sente-se como família.

Pensando se senti alguns constrangimentos pelo facto de ser mulher, não. Não. Nunca ninguém me criou problemas por ser eu a ir aqui ou ser eu a ir ali. Nunca tive problemas, embora visse às vezes pela parte dos homens mais vontade de boicotar do que propriamente pelas mulheres. As mulheres não. Nunca tive qualquer problema que uma vizinha, uma amiga, uma outra pessoa, me dissesse tu fazes, eu não faço. Não. Os homens às vezes é que tentavam, epá como é que é? Mas não, nunca tive...

Uma vez fui a Beja com uma vizinha, que me pediu para ir com ela a uma consulta. Depois fomos beber um café e entrámos numa pastelaria, onde há aqueles banquinhos altos ao balcão. A

gente estávamos lá e a mulher volta-se para mim e diz assim: “ai, mas se veem a gente aqui...” e digo eu assim: “e que mal é que a gente está fazendo? Para nos verem ou para fazer mal verem-nos aqui?”

Quanto às minhas filhas, mulheres, são ativas, desenrascadas, não deixam por mãos alheias aquilo que elas podem fazer. Especialmente a Márcia, ela é veículo todo o terreno, ela tem carta de pesados, tem de articulados, tem de transportes internacionais. Quer dizer, é uma mulher que pega aqui num carro e vai buscar uma carrada de medronho se for preciso. A Sônia é um pouco mais... também teve outro tipo de vida, estudou mais tempo, tirou o curso. São pessoas com uma mentalidade muito, muito... talvez da vivência que têm tido sempre comigo e da maneira de ser que eu tenho e como já tinha dito há bocado, na escola elas sempre se defenderam, elas sempre foram sozinhas, sempre se desenrascaram e acho que isso contribuiu também muito para a educação que tiveram.

As pessoas têm falta de mudar as mentalidades em todos os sentidos. Quer na formação, quer nas empresas, quer na maneira de ver as coisas, há uma grande falta de mudar mentalidades. E quanto mais isoladas as pessoas estão, mais atrofiam, porque não é fácil, não se muda de um dia para o outro. Mas se se conseguir mostrar bons exemplos às pessoas, talvez elas também consigam seguir esse caminho.

A gente nunca sabe o que é que seria. A gente às vezes diz: se isto tivesse acontecido seria assim, sei lá, seria outra coisa. Não sei. Talvez não conhecesse o país como conheço, talvez não conhecesse outras coisas que conheço, sei lá... a gente nunca

pode... é o que eu volto a dizer, em cada altura, em cada situação, acho que tomei sempre a decisão daquilo que queria, daquilo que achava melhor. Não me preocupo muito com o que pode ter acontecido ou com o que poderia acontecer, se tivesse sido diferente. Foi o que foi. Estou cá. Seja o que Deus quiser.



[...] foi o descobrir todo o movimento da igualdade dos direitos para as mulheres. Provavelmente vivia inocentemente sem ter cultura feminista, mas tinha uma cultura feminista sem o saber

Christine Guerreiro

62 anos

Trabalha em desenvolvimento local



Não vos disse, estou em aulas de canto. Que é para trabalhar a voz. Para um dia ser ouvida e entendida.

Chamo-me Christine Guerreiro, Guerreiro é a minha parte portuguesa que eu não quero deixar. E tenho 62 anos.

Eu nasci no sul de França, numa terriola que é a segunda cidade de Midi-Pyrénées.

Desde que eu me lembro, que ia a escola sozinha e para mim essa coisa de ir a escola sozinha teve muito significado porque me permitiu fazer o que gostava.

Hoje quando faço o balanço do que aprendi, se calhar as coisas mais importantes aprendi-as no caminho da escola quando passava e podia parar em casa das amigas. Amigas que viviam de uma maneira muito diferente da dos meus pais e com as quais aprendi coisas que não podia aprender em casa dos meus pais. E isso era possível naquela terra, porque era uma terra operária, onde de facto a escola pública ainda funcionava como um *meeting point*, se é que se pode dizer isso, e de facto estava lá toda a gente, não havia escolas para ricos e escolas para pobres, estava toda a

gente junta. Vou dar um exemplo, a minha amiga, mesmo super amiga da escola, era filha do varredor, que era um refugiado político espanhol, que trabalhava no serviço onde o meu pai era chefe de serviço e isso não colocava questão nenhuma, nem ao meu pai, nem ao pai dela, nem a nós.

O que eu sinto que foi a história é o facto de o meu pai e a minha mãe terem universos sociais diferentes.

E do aspeto do feminismo, já que o filme trata disso, acho que também tenho uma dupla cultura. Vocês obrigaram-me a pensar um bocado em coisas razoavelmente íntimas, não é? O meu pai era um homem católico tradicionalista na sua maneira de levar as coisas muito a sério, sempre me tratou não como uma menina mas como um ser humano que tinha capacidades, que tinha deveres, que tinha que se desenvolver, que tinha que ter um trabalho, quando ao mesmo tempo tratava a minha mãe como alguém que era dona de casa e que não precisava de trabalhar para nada. E a minha mãe aceitava este modelo, mas aceitava sem aceitar, porque era alguém que tinha uma profissão (ainda por cima) que deixou de exercer quando teve os filhos, sempre me disse: “não faça como eu, não fique em casa.”

E o que é giro é que a minha mãe dizia isso mas não achava muito jeito a eu ser tão livre na minha cabeça.

Eu acho que essas contradições, essas dificuldades em conciliar uma coisa e outra, construíram-me.

Como é que eu cheguei a Portugal? Fui crescendo, tirei um super curso e foi engraçado porque quando cheguei em 75, vim à boleia com uma amiga minha francesa que os pais tinham um apartamento no Algarve, descobrimos este Portugal de 75 com

tudo o que é bom, e pensámos: no que é que isto vai dar?

E viemos em Maio de 75. Na altura lembro-me de ficar deslumbrada com a luz, com o país, com o tipo de construções e essas coisas. Mas também fiquei deslumbrada com os tropas bonitos. E passei cá 10 dias. Descobri este primeiro contato com Portugal em plena revolução e descobri o pai dos meus filhos. Então passado um ano a aventura começou porque decidimos que era cá que a gente ia começar a nossa vida em comum.

76 eram uns anos complicados para cá chegar, e o diploma que eu pensei que era um diploma, cá não valia porque não tinha equivalência. Os amigos do meu marido diziam que a minha chance de encontrar um trabalho era mais ou menos nula. Eu queria filhos, mas também queria trabalho. Trabalhei durante ano e meio num estaleiro internacional que era para construir aquela fábrica onde passei a trabalhar. E no estaleiro internacional foi o tempo onde eu consegui estar grávida duas vezes e ter dois filhos.

Depois do segundo filho achei que ser mãe era uma coisa complicada de conciliar com o trabalho. Então tentei uma fase de: ok! Vou ser mãe em casa. Esta fase de vou ser mãe em casa durou um ano, coisa assim, porque cheguei à conclusão que não era isso que eu queria da minha vida. Não era bom para eles nem era bom para mim. Eu era muito nova, tinha 25, 26 anos. Na altura dizia na brincadeira: se eu soubesse que era tão complicado ter filhos nunca me tinha lançado numa coisa dessas. Mas, com a inocência da idade, foi-se fazendo. E por isso recomecei a trabalhar quando tive hipóteses de pôr os miúdos na creche. Eram pequeninos, tinham 2 anos e ... mais certo 1 ano e

meio o pequenino e o outro 2 anos e meio.

Sines tinha essa coisa de ser uma comunidade humana interessante, porque havia muita gente. Tinha ... os retornados, que tinham vindo de África, por isso era uma comunidade mista onde se encontrava alentejanos do litoral e gente que tinha vindo de sítios bem diferentes. Para mim foi o meu primeiro contato com África. Aprendi bastante das vivências. Em particular um dos amigos de Porto Covo, onde a gente morava, que era um pescador, um pescador velhote, era poeta popular e passava as temporadas num monte que era dos avós do meu ex-marido, pagava a sua estadia contando poesia. São coisas que na altura me deliciavam completamente. E lembro-me muito bem deste senhor, tinha uma filha da minha idade que esteve grávida exatamente ao mesmo tempo que eu e as duas estávamos convencidíssimas que íamos ter um menino e ele dizia: “Epá! ricos meninos que vocês vão ter”, e as duas tivemos filhas, não é? Então este olhinho do velhote que sabe, eu nunca me esquecerei.

Durante um ano, o ano seguinte, acabei por ser professora de informática.

Esse episódio do ensino foi, para mim, uma revelação, porque quando eu era miúda, tinha uma amiga que queria que eu fosse com ela estudar para ser professora e eu, na altura, do alto dos meus 15 anos, dizia não, porque é uma relação desigualitária, o professor é que sabe, os alunos não sabem, e eu não quero isso, não me interessa, não quero entrar nessa. E nesse ano de ensino percebi o quanto é que eu tinha sido estúpida, porque eu adorava e a relação dos professores e dos alunos foi, de facto, alguma coisa que me encheu as medidas. Gostei muito

da relação com os colegas, gostei de inventar coisas transversais fora das disciplinas, de inventar eventos partilhados.

E descobri que o ensino era uma coisa... como uma vocação. Essa coisa do ensino, sinto que passei ao lado de qualquer coisa, porque todo o aspecto pedagógico vale muito quando se consegue fazer com que alguém se aproprie de conhecimento. É qualquer coisa que me dá imensa alegria.

Entretanto, quando o meu ex-marido chegou ao ponto de ter de optar por sair da empresa, surgiu uma oportunidade que era muita mais maluca: tomar conta de uma propriedade que era da família dele. E eu batalhei para convencer os meus sogros que éramos capazes, pois eu tirei um curso de gestão de empresas e na altura dizia: “gestão de empresas sim senhor, mas a única empresa que eu gostaria de gerir era uma quinta.”

Então lançámo-nos nisso e foi a aterragem numa vila que estava em ebulição, porque o projecto de Messejana estava a acabar e porque o processo de nascimento da Esdime estava no seu início. E para mim foi um duplo envolvimento, no fazer nascer um projecto agrícola, com um projecto turístico que na altura aparecia como uma coisa completamente maluca e o projeto da Esdime no qual me envolvi imenso.

Não contei isso há bocadinho mas quando era nova não fui militante política porque não tenho disciplina suficiente para isso, mas era militante da causa autogestionária e da causa cooperativa, eram coisas que me diziam muito e que no meu curso de gestão de empresa puxei, pronto... armei-me em revolucionária no interior de uma coisa super burguesa, foi a minha batalha política.

Acabei rapidamente por descobrir que a agricultura convencional não era o que eu queria fazer, porque felizmente descobri que a forma de agricultura que eu queria praticar era a agricultura biológica. Só me fazia sentido isso, então estava a batalhar duplamente: como mulher e como defensora de uma agricultura que parecia uma maluquice e como portadora de um projeto turístico numa zona que não era classificada como de interesse turístico. Eram 3 coisas assim um bocado complicadas.

Não tenho dúvida nenhuma que a energia que me sobrou para as ovelhas, era energia que sobrava. Muito rapidamente o projeto coletivo tomou um peso que me afastou um bocado do projeto agrícola. Hoje tenho uma certa pena de não ter tido juízo de equilibrar melhor as coisas. Mas a gente entende melhor depois das coisas já acontecerem. Hoje o que eu acho piada e com o tempo que passou, é ter a confirmação que a opção biológica estava certa.

Também para mim foi o descobrir todo o movimento da igualdade dos direitos para as mulheres. Provavelmente vivia inocentemente sem ter cultura feminista, mas tinha uma cultura feminista sem o saber, não sei como é que isto se pode dizer, mas para mim era óbvio.

O que eu gostei muito nas alentejanas, foi o sentir que eram mulheres rijas, que eram... pareciam não mandar em nada, mas mandavam na prática, sem elas nada teria acontecido e fiquei completamente apaixonada, um bocado por tudo, pela comida, pelo saber fazer, por o saber fazer sem meios, pela maneira como tomavam as decisões sobre o futuro dos putos.

Gostei também muito de descobrir que, por exemplo, no

Alentejo não se casava.

E esses dez anos, de facto, permitiram-me influenciar processos que acho que hoje deram alguns frutos. Por exemplo, outro dia estava a falar com uma amiga minha e dei por mim a pensar que estou muito contente de ter tido alguma coisa a ver com o nascimento do infantário de Messejana, porque sei que há muitas mulheres que puderam ter atividades profissionais porque estavam lá os seus miúdos.

Não cheguei até ao fim do processo, enquanto agricultora, larguei antes, porque sozinha... há um momento que eu não fui capaz de ir mais longe. Sei que a minha experiência serviu para outros, serviu para confirmar que era possível, que valia a pena ir por aí, então isso acho que me dá uma certa alegria. Agora, hoje não sei qual é que é a minha relação com este território. É aquela coisa do estou quase reformada, não sei se eu venho cá, se eu volto, não sei, mas que é um tempo da minha vida que foi muito muito forte, foi...

A gente... eu, escolho o processo coletivo e alguns amigos que conheço, que se meteram em processos de desenvolvimento, fizeram a mesma coisa e hoje fazem um balanço da sua vida pessoal bastante negativo porque de facto o coletivo impõe-se, não é? Há um sentido da importância que vai puxando por nós.

E uma coisa que é gira é que através dos projetos europeus, descobri franceses, que hoje são amigos meus, que eu em França nunca teria encontrado, encontrei-os porque vieram cá e tínhamos uma comunidade de ideias que lá não teria encontrado o fio para os encontrar. Não sei se é claro, contado é assim. Por isso Portugal e essa aventura da Esdime também foi um meio de

eu conhecer uma França que eu não conhecia e de que eu gosto bastante porque alguns projetos lá também têm a sua graça.

Saí do Alentejo porque quando fiquei sozinha a tomar conta do projeto agrícola, aquilo revelou-se difícil demais, aguentei-me ano e meio sozinha, mas estava fora das minhas capacidades e tive que reconhecer que já não era capaz de levar mais à frente o Projeto. Os meus miúdos que já eram mais crescidos, estavam a estudar em Beja, já não estavam lá sempre, aquilo deixou de fazer o mesmo sentido e fui-me embora para Lisboa, mas foi muito doloroso, foi uma das percas mais dolorosas da minha história de vida. Então resolvi tirar um ano sabático, tive hipótese de financeiramente me aguentar um ano e decidi fazer isso. E na altura, como não sei muito ficar sem fazer nada, a minha rota cruzou a rota da UMAR e da Paula Ortiz e conseguimos inventar um projeto que, no contexto da Manifesta, quisemos fazer uma recolha de textos de mulheres, e isso ocupou-nos, não me lembro ao certo, mas uns 6 meses, uma coisa assim, e publicou-se um pequeno livro, uma exposição e foi um episódio também muito interessante porque permitiu, outra vez, encontrar mulheres no resto do território, partilhar histórias de vida. Foi uma coisa que também me deixou muito boas recordações.

Depois a minha vida continuou em Portugal, em Lisboa e a norte de Lisboa, em Santarém, mais uns 3 anos e depois a minha vida pessoal fez com que... tive que optar por voltar para França. Esse regresso a França é outra história, acabei por envolver-me numa outra forma associativa, noutra tipo de projeto que estava ligado a uma batalha pessoal que eu estava a ter, que tinha a ver com a doença do meu filho. Cheguei à

conclusão que na confrontação com o acompanhamento de uma doença psiquiátrica, as mães, as irmãs, estão muito presentes, mais do que os pais. Na prática e da minha experiência, há um nível grave, em que as mulheres têm uma capacidade de aceitar a loucura muito mais desenvolvida do que os homens e na prática há muitas mães sozinhas que travam este combate. Por isso o meu feminismo, de uma certa maneira continuou por aí.

E o resto da vida há de escrever-se, como dizem por cá. Se tiver saúde para isso, havemos de ver o resto da história.



[...]Cantar ou caçar, eu sabia o mesmo que sei agora, só que não fazia. Só comecei a fazer isso depois [...] caçava, ia à pesca, gostava de ir à pesca à barragem, da Roxa ou a Santa Clara. Gostava de ir...

Mariana Maria

83 anos

Reformada



Sou Mariana Maria, moro no Café Primavera na Estação de Ourique.

Nasci no monte, o monte é 'O Atravessado', é no concelho de Ourique. Nasci lá, estive lá até aos 17 anos.

Aos 17 juntei-me, fui-me embora de lá, fui morar para o monte. Estive 9 anos junta com ele, depois arranjei 3 filhas, quatro, - mas uma não veio-, e depois tive três e tenho-as tido aí. Agora morreram-me duas.

Tive muitos cuidados com a vida, trabalhar para sustentar três filhas, vestir e calçar, se não fossem os meus pais não podia fazer tal, os meus pais é que me puxaram lá para casa outra vez: "...deixa, vens para aqui, tens aqui um prato e um garfo", e foi lá que eu as criei.

O meu marido foi-se embora porque era costume, quando ele se embebedava, eu descalçá-lo e despi-lo. Dormia no quarto com ele, na cama com ele, pois, não podia dormir com as botas. Depois deu-me aquele aborrecimento, sempre, sempre, sempre, sempre, era quase todas as noites uma bebedeira, era despir e

descalçar, então digo: “Eu não acabarei com isto?” Houve uma noite que não fui, ele dormiu vestido e calçado. De manhã levantou-se e foi-se embora, foi para onde ele empontou, não gostou de eu lhe fazer aquilo. Pois, então, era de ele se embebedar tanta vez, eram muitas, e ele não dava nada e eu vivia mal. Porque só do ganho dele,... Nesse tempo ganhava-se pouco, ele ganhava dezoito escudos por dia, o que é que é dezoito escudos? Hoje não é escudos, é euros, mas pronto! Eram dezoito escudos, ora o que é que dava para uma casa de família? Não dava para nada. E depois ele bebia na venda, gastava-os... ainda menos dava, pois claro. E depois largou, foi-se embora. Eu fiquei sozinha.

Até que ele um dia escreveu a dizer-me que governasse a minha vida, que já não vinha para casa. Está bem. Mas depois ainda veio umas poucas de vezes, aí à roda, a ver se ainda vinha para cá, digo eu: “Agora? Agora já não!” Não vale a pena, quando não é de uma vez só, deixar e pegar não presta, pois, é como elas às vezes fazem, largam-se hoje, amanhã juntam-se, largam-se outra vez, juntam-se. Não, nunca comi disso. Eu tinha 25 anos quando fiquei sozinha, e nunca mais arranjei nenhum, ah, para quê? Assim, olha, ao menos vou para onde eu quero e vou passar aqui, vou passar além, ninguém me diz nada. “Fostes aqui, fostes além, foste aonde, ninguém me diz nada!”

E eu governei a minha vida, tenho andado, tenho corrido aí... sei lá. Fui para o Algarve, servindo lá num médico, fui para o Feijó, estive cuidando num miúdo, depois voltei para Beja, estive 5 anos em Vila Nova de Milfontes por conta desse patrão aqui de Beja, estive na Funcheira, também não sei quanto tempo foi e estive em Serpa num café, por conta dele também, e depois

vim parar aqui ao Carregueiro, arranjaram-me trabalho para ali e vim parar ali, estive ali 22 anos. E o meu neto para aí 3 ou 4 anos, estava comigo e então de lá vim para aqui, comprei esta casinha e vim para aqui morar. Já há 33 anos que estou aqui.

Caçava, ia à pesca, gostava de ir à pesca à barragem, da Rocha ou a Santa Clara. Gostava de ir... A caça era o mesmo, gostava de ir à caça, tinha bons cães para isso e aí com os canitos, trazia sempre caça e eles diziam assim: “Não sei como é que ela se amanha que ela traz sempre caça”. Outras vezes eram os cães que também apanhavam. Gostava dessas coisas todas. Mas enquanto fui nova não pude fazer nada disso. E cantar, pois, o meu vício era levar os dias atrás de umas bestas que eu lá tinha, cantando. Eu gostava era de cantar, mas com o Jacinto, fui lá para casa, pronto! Acabou-se tudo! Não queria saber de nada. Era só o trabalho, mesmo com as moças pequenas tinha que trabalhar os dias inteiros e assim não valia a pena.

Nunca fui amiga de ir a bailes, porque não podia ir. Não tirava o lenço, andava sempre com o lenço na cabeça. Não queria bailes, não queria festas, não queria nada. Era só estar em casa, depois é que fiquei sozinha e podia andar aí cantando com eles e com elas e fazer isso tudo, senão não tinha visto nada na minha vida. Cantar ou caçar ou cantar, eu sabia o mesmo que sei agora, só que não fazia. Só comecei a fazer isso depois de que ele me deixou, caçava, ia à pesca, gostava de ir à pesca à barragem, à Rocha ou a Santa Clara. Gostava de ir... à caça era o mesmo.

Caçar, cavar terra com cavalos, para ganhar para as moças comerem, ia para uma horta, cravava ali com uma enxada, como um homem, e depois as pessoas diziam: “Assim, eh, bem, uma

mulher não faz tudo o que os homens fazem, como é que é isto?" Fazia tudo, pois... Eu fui lá, para o Carregueiro, estava lá um moço que não sabia tomar uma parelha, e o patrão disse-me assim: "Vai lá, Mariana, tomar a parelha que o moço não sabe", e eu: "Não me diga que o moço não sabe, um homem com 20 e tal anos." Punha as bestas, as bestas estavam acostumadas ao erro delas, as bestas têm um lugar, uma parelha escolhe sempre, uma escolhe o lugar, e a outra depois é que fica. E ele trocou-as, em vez de pôr aquela naquele lado pôs a outra, mas ela estava trabalhando no erro contrário, não fazia nada e deitava-se. E eu disse logo depois a ele: "Não, isso não é assim, esta tens que a pôr aqui deste lado e aquela daquele lado, vês que ela está quietinha aqui e além não estava?" Os bichos são como a gente, eu estou acostumada a estar nesse lugar, aí sentada, nem sequer me faz jeito vir aqui para este lado, é que não me faz, ainda nunca me vim sentar aqui deste lado, não me faz jeito, só aí. E com os bichos é o mesmo.

Pensavam que era um homem, falavam-me como se fosse um homem. "Então compadre...?" Não sabiam o meu nome... "Então, compadre, como é que se chama?" Digo: "Compadre não... não? Não, atão, eu não sou homem nenhum, sou uma mulher.." Enganaram-se poucas vezes...

Nesse tempo fumava, agora já não, agora já há vinte e tal anos que não, deixei isso da mão, fazia-me mal, e então usava sempre traje de homem, uma boina, usava sempre essas coisas e era só, por exemplo, aprendi a fazer tudo, mas pronto! Já o trabalho das mulheres para mim era um fenómeno, fazia, era obrigada a fazer, mas não gostava de fazer, gostava era de andar

fora, lavrar com uma parelha, carregar fardos de palha numa galera, em cima da galera consoante a carrada. Há para aí uns 3 ou 4 anos veio um gajo para mim ir fazer um carrada ali ao pé de Ourique e eu digo: “Ó pá, agora estou já um bocado abatida”, mas ainda fui, ainda fui fazer a carrada em palha. Eu não aturava em casa, como não aturava em casa da minha mãe, era muita gente, tinha 12 filhos, pois, deixava-me ir para ganhar alguma coisa.

E eu, com o meu feitio, que o traje era todo de homem, nunca cheguei a usar uma saia, vesti uma vez uma saia, já depois de estar aqui, mas elas vieram-se todas assomar e eu tirei-a, nunca me viram, nunca me viram de saias. Então, por isso é que me chamavam isso, quando eu tinha aí 13 ou 14 anos, era só: “machorro do atravessado, machorro do atravessado”. A gente, às vezes, também não gosta. Mas é assim, a vida forçava-se assim.

Agora é que dei em sair, andar cantando, com elas e com eles. Cante ao baldão, cantar às vozes e andar aí com eles e tenho passado uma vida mais divertida e melhor do que passei. E eles na me deixam da mão. Vêm-me buscar, vêm-me trazer e não há problema nenhum.

O mais longe que eu fui foi a Tondela, já quase na extrema do outro lado, ia aí muito a Vila Real, ao Algarve, corria aí o Algarve todo e ia à Serra do Algarve. Íamos por conta do Zé Francisco, ele é que levava a gente a cantar.

Andei aí 5 anos com aquele homem que morreu agora há pouco tempo e com o Chico Bailinho que morava aqui também, também já morreu, andei aí 5 anos com eles. Depois andei aí com o Pedro Mestre. Fomos cantar aí uma porção de vezes à Salvada.

Fomos a Monsaraz, Reguengos de Monsaraz, corremos aí umas poucas de terras cantando o baldão e ele é que tocava a viola sozinho.

Isto está muito mudado. Por todas as coisas. Os pais não deixavam elas saírem a lado nenhum, andavam sempre com a mãe em cima delas para não andarem sozinhas e agora não, agora andam à vontade, além de andarem à vontade, andam com mais vontade de viver. Vão para aqui, vão para ali, com o namorado, com isto, com aquilo. Dormem lá uma noite ou duas, ou três, vêm para casa, a vida é outra. Muito diferente da que era no nosso tempo.

Diziam assim: “Olha, bem fez ela, que ele era assim um bêbado relaxado, andava agora a aturar.” Nunca me bateu porque eu não consentia, não esperava que ele me batesse. E toda a gente me estimou e estima-me, toda a gente. Aí toda a gente me estima.

Onde eu gostava de ir sei que nunca vou, é uma terra lá fora, até hoje nunca fui a terra nenhuma lá fora, nem à Espanha, que é mais perto, nem a lado nenhum, nem à Suíça, nem a lado nenhum. Gostava de ir, ainda nunca andei de avião, era por isso que gostava de ir.

Conhecer, não conheço, mulheres que sejam capazes de fazer aquilo tudo que eu fazia. Tudo e mais alguma coisa. A força que tinha parecia que não sabia onde é que chegava. Eu estava no Carregueiro, estive ali 22 anos à do tio Cavaco, era uma casa rica, um homem rico, tinha uma arramada cheia de vacas, outra arramada cheia de bestas. Eu ia lá, bradava-me: “Venha lá ali ao quintal que está ali um homem que não acredita que você

segura um bezerro.” “Ai não? Atão porquê?” “Ah, não sei, ele não acredita.” Era o veterinário. Eu fui e ele disse-me: “Atão você acha-se com coragem de segurar um bezerro?” “Atão não hei de segurar porquê? Tenho duas mãos como o senhor tem. E sendo com força, seguro com certeza.” “Bom, vamos lá ver!” Ohh. Vacinou-os todos. Os bezerros estavam ali à manjedoura, eu soltava-lhes a correia para estarem mais livres, à vontade, jogava-lhes as mãos aos cornos, torcia-lhes a cabeça, para cima da manjedoura, os bichos ficavam ali, não rabiavam, e ele vacinava-os no pescoço. Dizia-me assim: “Olha, como esta, ainda não tinha visto, não, uma mulher fazer isto.”

Será que às outras mulheres falta-lhes coragem? Eu acho que não tenho mais que aquilo que tomei quando era nova, desde que me conheço por gente, tomei sempre coragem de fazer tudo, qualquer coisa, mesmo com os moços, com moços lá na minha terra, moços da minha idade, moços de 9, 10 anos, eu guerreava com eles ou eles guerreavam comigo, levavam logo porradas, era logo. E eles não eram capazes de me bater. Tinham medo, ou não sei. Eu não tinha medo. Não, eu não, nunca fui medrosa.



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros

